O Centenário Solar da Fazenda do Rochedo

Hélio BRASIL
heliobrasil@superig.com.br

Resumo

Os exemplos de patrimônio material proveniente do período colonial e imperial brasileiro têm merecido nos últimos tempos, atenção especial dos que desenvolvem atividades de turismo cultural, dos historiadores, dos arquitetos, e, sobretudo, um maior interesse por parte dos governos, estadual e federal. Entretanto, maior empenho tem tido alguns poucos que na condição de herdeiros têm mantido patrimônios herdados de seus antepassados. A Fazenda do Rochedo é um desses exemplos.
Erguida cerca de 20 km da hoje cidade de Cataguases (distrito da Glória), no sudeste da Zona da Mata, em Minas Gerais, sua história se confunde com a de seus fundadores e mantenedores, preservando-a desde os meados do século XIX sob o cuidado de uma mesma família. A história contada no livro O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases – onde apresentamos o levantamento físico do Solar, sua arquitetura, sua implantação, e um pouco da história dos caminhos percorridos pelos ancestrais da família Vieira de Rezende até sua ancoragem na Zona da Mata mineira.

Palavras-chaves: patrimônio material, Fazenda do Rochedo, Vieira de Rezende, Cataguases.

Abstrat

Examples of material heritage from the colonial and imperial periods in Brazil have received, in recent times, special attention from people who develop cultural touristic activities, historians and architects, as well as an increased interest from state and federal governments. However, more effort ha been noticed from a few heirs who had kept assets inherited from their ancestors. *Rochedo* Farm is one such example.
The farm was erected about 20 km from the city of *Cataguases* (*Glória* District), in the southeast of Zona da Mata, Minas Gerais. Its history is intertwined with that of its founders and supporters, who have been preserving it since the mid-nineteenth century after getting under the care of the same family. The story told in the book *O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases* - where we present the physical survey of the Solar, its architecture and its implementation are presented, as well as a little of the history of the paths taken by the Vieira de Rezende's ancestors until their anchorage in the Zona da Mata Mineira.

Key words: material heritage, Fazenda do Rochedo, Vieira de Rezende, Cataguases.

O vetusto casarão do século XIX, e que ganhou o nome de Solar da Fazenda do Rochedo (sede da fazenda do mesmo nome) foi erguido cerca de 20 km da hoje cidade de Cataguases (distrito da Glória), no sudeste da Zona da Mata, em Minas Gerais. Sua história, que se confunde com a de seus fundadores e mantenedores, foi contada no livro *O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases* – onde apresentamos o levantamento físico do Solar, sua arquitetura, sua implantação, como também procuramos historiar os caminhos percorridos pelos ancestrais da família Vieira de Rezende até sua ancoragem na Zona da Mata mineira. Estávamos convencidos de que as imagens dos espaços erguidos só ganhariam transcendência se contadas as histórias entrelaçadas de seus construtores e continuadores. Assim, desfilaram nos capítulos, a partir do pouco conhecido Guido Thomas Marlière, ícone histórico regional, o patriarca Joaquim Vieira da Silva Pinto, o Major Vieira (1804-1880) e sua mulher Maria Balbina de Rezende, até um passado próximo na figura vibrante da professora Ophélia Rezende (1894 – 1993), verdadeira guardiã das tradições familiares. Neste trajeto, contamos a história quase breve do Coronel Vieira, José Vieira de Rezende e Silva (1829 – 1881), inspirador e criador do município, além de fundador do velho Solar.

Muitos dos elementos construídos e que não resistiram à ação do tempo, não restando deles sequer a imagem (caso da senzala), ganharam registro através da prodigiosa memória de José Rezende Reis, coautor do livro e descendente dos Vieiras de Rezende. [1]

De qualquer modo, procuramos resgatar a lembrança do conjunto, utilizando minha condição de arquiteto para o mapeamento físico do prédio e de seu entorno imediato. Serviu-me de referência o levantamento planimétrico do sítio onde está implantado o Solar, realizado com finalidades mais jurídicas do que históricas.

Estranhamente, no meio de tantos velhos papéis compulsados: testamentos, inventários, escrituras, correspondências acerca do casarão, não foi encontrado sequer um esboço do "risco" que permitiu sua construção. Mesmo em processos judiciais iniciados por credores do espólio do Coronel Vieira, arquivados no CDH, Centro de Documentação Histórica do Instituto Francisca de Souza Peixoto, de Cataguases, gentilmente franqueados à pesquisa, não se obteve a informação.

[1] BRASIL, Hélio e REIS, José Rezende. *O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases*. Rio de Janeiro: s/ed.,2010.



Foto/autor: Eugênio Paccelli.

Como os leitores da obra perceberão não nos convencemos de que o traçado tivesse se realizado a partir de improvisações locais, ainda que o resultado físico, a distribuição dos seus espaços e a aparência do Solar guardem identidades com outras construções da época, padrões tipológicos encontrados nos casarões de fazendas. Alimentamos a esperança de que existirá, em algum canto, em algum esquecido rolo de papéis, o testemunho do plano da obra, por mais elementar que seja. Restou-nos inferir algumas conclusões diante do testemunho físico ainda sólido o bastante para que lhe garantíssemos a sobrevivência. Muitas obras consultadas, listadas no final do volume, permitiram algumas afirmações acerca da obra.

Nestas breves linhas, podemos dizer algumas palavras mais sobre o Solar, incluindo belas imagens realizadas pelo fotógrafo Eugênio Paccelli, de Belo Horizonte e por ele cedidas, bem como reproduzir os desenhos que mostram a distribuição dos espaços arquitetônicos do casarão.

A obra do Solar significou uma culminância, se não uma depuração de um sonho do seu idealizador, José Vieira de Rezende e Silva, o Coronel Vieira, filho do já citado Major, patriarca da família. Ao assentar-se na região em 1842, provindo de Lagoa Dourada (na atual região do Campo das Vertentes, MG), o Major Vieira erguera a sede da fazenda da Glória

(que, por fim, deu nome ao distrito), como ficou conhecido um casarão (hoje desaparecido) que sediou suas posses na região. Lamentamos a inexistência de documentos que contenham a imagem de tal edificação, fato decepcionante, levando em conta que, após seu abandono, a construção erguida no último quartel do século XIX pudera chegar às primeiras décadas do século seguinte.

Da mesma forma, bem à margem do ribeirão Meia-Pataca, um tributário do rio Pomba, caminho fluvial significativo para a região, erguera-se o primeiro edifício para abrigar a família do Coronel. O primitivo Solar do Rochedo. Dele temos ainda algumas imagens (fotos e até pintura a óleo) e, no local, restos dos alicerces. Ficou patente que esta construção, rústica, em certa medida, não satisfez as aspirações de José Vieira de Rezende e Silva, já destacado e prestigiado político local. A prosperidade e o prestígio político o levaram a erguer novo e definitivo Solar, escolhendo local, na própria fazenda, em cota mais elevada e mais afastado das margens do Meia-Pataca e que, graças à abnegada ação dos seus descendentes, chegou aos nossos dias.



Foto/autor: Eugênio Paccelli.

A inauguração da mansão ocorreu em 24 de dezembro de 1878, seu nome e data desenhados em arco metálico sobre o portal de entrada do Solar, junto às iniciais do

proprietário. A escolha do dia homenageou a esposa do Coronel, Dona Feliciana, também sua prima em primeiro grau.

Três anos antes da inauguração do Solar, em 25 de novembro de 1875, havia sido criado o município de Cataguases, fruto dos esforços do Coronel Vieira, cujo nome fora proposto por ele, nascido que fora quase às margens do ribeirão dos Cataguazes, em Lagoa Dourada. A nova unidade, antes conhecida como Porto dos Diamantes, depois, Curato e, a seguir, Freguesia de Santa Rita do Meia-Pataca, desmembrara-se do município de Leopoldina por força do crescimento econômico apoiado na expansão cafeeira da região.

Nosso livro tenta resgatar não apenas a sequência de fatos que fizeram surgir o Solar como também o contexto socioeconômico que o envolve. Os episódios iniciais mostram o desenvolvimento da região como um território propício aos ciclos extrativista e agrícola e, particularmente, cafeeiro em que prospera fundamentado na mão de obra escrava, conforme se comprova com as extensas relações de nomes e características de homens e mulheres submetidos ao cativeiro. Os personagens que desfilam, gravitando em torno do poder imperial, revelam nas primitivas lutas entre liberais e conservadores, o quadro político já convergindo para os conflitos que trariam a abolição e a república. A abertura das ferrovias na região, algumas objeto de interesse e investimento dos agricultores, como o próprio Coronel Vieira, mostram que o poder central, adensado no Rio de Janeiro, esgarçava-se, abrindo espaço para lideranças regionais.

As consequências políticas da guerra do Paraguai – epopeia vivida de forma periférica pela elite agrária – e o declínio comercial da produção cafeeira aparecem em um palco inesperado: no seio das famílias que se empobrecem. No livro em que registramos a história do Solar está contida também a transformação social por que passam os agricultores, pois os núcleos que se urbanizam funcionam como ímãs para as novas gerações. Os filhos dos grandes fazendeiros são profissionais liberais que ascendem a patamares culturais que minam o antigo regime. A fama e o prestígio do Coronel Vieira, Comandante Superior da Guarda Nacional, não impedem o esfacelamento de sua fortuna. Seus esforços, ao buscar empréstimos bancários, não lhe garantem erguer-se financeiramente das cinzas e sua morte inesperada e prematura (tinha 52 anos) deixa a viúva e a extensa prole em sérias dificuldades. O terceiro filho do Coronel, o advogado Affonso Henrique Vieira de Rezende (1863 – 1934) trava exaustiva batalha judicial para manter a posse do Solar, não apenas pelo significado de bem de raiz, mas como símbolo de uma construção espiritual. Um homem que não admitiu perder

o patrimônio conquistado por seus antepassados e soube preservar entre as sólidas paredes de uma casa de fazenda a memória de seus fundadores.



Foto/autor: Eugênio Paccelli.

A grave arquitetura do Solar, que ocupa uma área pouco superior a 900 m2, está descrita e ilustrada por fotos e desenhos. Sua implantação foi feita parte em terreno elevado, dando-lhe certa imponência. A serenidade de suas linhas é marcada pela sequência de janelas voltadas para o poente na fachada mais visível. A entrada da mansão se faz lateralmente, através de uma varanda e é voltada para um jardim de área quase tão extensa quanto a ocupada pelo casarão. O eixo deste jardim, ortogonal à entrada, é assinalado por uma pequena fonte com escultura metálica. As imagens que acompanham estas linhas serão mais efetivas para ilustrar a descrição.

A distribuição interna do Solar obedece aos padrões da época, com a sequência de dormitórios em torno dos espaços sociais, onde destacamos uma pequena capela, o testemunho da religiosidade dominante naquelas famílias. Descendendo do barroco colonial brasileiro, a arquitetura do casarão incorpora contribuições do neoclássico e a severidade do colonial brasileiro.

Há um pátio interno quase ocupado por uma pequena construção de apoio aos serviços domésticos. Não fosse o registro de sua presença em documentos ainda do século XIX, como um laudo de avaliação de 25 de setembro de 1890, teríamos dúvidas quanto à sua contemporaneidade à obra. Admitimos, sem segurança, que teria sido erguida após a conclusão do Solar com o uso de materiais estranhos à obra principal, tais como os tijolos furados e as telhas planas de cerâmica (também denominadas francesas, porque oriundas de Marselha, na França). Registre-se que a edícula foi reformada na década de 60 do século passado.



Retratado: Coronel Resende - Foto/autor: Eduardo Resende.

A preservação do Solar – que já sofreu inadiáveis reformas parciais, sem, contudo, desfigurá-lo – e do sítio onde está assentado, bem como suas adjacências, medindo 3,336 hectares, são uma exigência cultural. Gleba e benfeitoria constituem imóvel inalienável, legado com esta restrição, por Affonso Henrique Vieira de Rezende às filhas e aos filhos destas, em condomínio. Assim, seus proprietários, por razões jurídicas, não podem (nem

desejam) dele se desfazer. Contudo, estão livres para iniciativas de caráter cultural. Com esse propósito, Solar e sítio têm sido franqueados a constantes visitas de estudantes e estudiosos de diferentes áreas, revelando o interesse despertado por um bem cultural vinculado ao ciclo econômico do café, servindo de polo à memória e à cultura regional e nacional.